

BENTO MANTUA
ANTONIO SACRAMENTO JUNIOR

O CÊRCO DE TANGER

DRAMA HISTORICO EM 5 ACTOS



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS-LISBOA

LIVRARIA CHARDRON

PORTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

1923

20.00
40/6/3

O cêrco de Tanger

DRAMA HISTORICO EM 5 ACTOS

(Epoca : 1436-1443)

BENTO MANTUA
ANTONIO SACRAMENTO JUNIOR

O CÊRCO DE TANGER

DRAMA HISTÓRICO EM 5 ACTOS



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS-LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
PORTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1923

PERSONAGENS DA PEÇA

D. DUARTE.....	Rei de Portugal
D. PEDRO.....	Infante
D. HENRIQUE.....	Infante
D. FERNANDO.....	Infante
ALVARO VAZ D'ALMADA ..	Capitão-Mór do Reino
CONDE DE ARRAYOLLOS ..	Cavaleiro. Sobrinho de D. Duarte
D. ALVARO DE ABREU....	Bispo de Evora
D. ALVARO DE CASTRO ..	Cavaleiro
D. VASCO FERNANDES COUTINHO.....	Idem
D. DIOGO LOPES DE SOUSA	Idem
PEDRO D'ATHAYDE.....	Idem
GOMES DA CUNHA	} Persona- gens mudas }
GOMES DE AVELAR	
AYRES DA CUNHA	
ÇALA-BEM-ÇALA.....	Alcaide de Tanger
MOURO.....	Filho de Çala-Bem-Çala
RUY MENDES.....	Juiz do Povo
MESTRE MARTINHO.....	Físico Portuguez
FREI PEDRO VAZ.....	Confessor de D. Fernando
LAZERAQUE.....	Governador de Fez
D. LEONOR DE ARAGÃO ..	Rainha de Portugal
D. BRANCA DE CASTRO...	Dama da Rainha
MARIA D'ALIJO.....	Mulher do Povo
PAGEM.	
1. ^a MULHER.	
UM PLEBEU.	
1. ^o MAREANTE.	
2. ^o MAREANTE.	
1. ^o SOLDADO.	
2. ^o SOLDADO.	
UMA SENTINELA.	

*Pagens, Arautos, Soldados, Mareantes,
Escudeiros, Atabaleiros, Charamelleiros, Trombeteiros,
Fidalgos, Damas da Corte, Frades, Mouros,
Homens e mulheres do Povo*

PERSONAGENS

(DO 1.^o ACTO)

D. DUARTE
D. PEDRO
D. HENRIQUE
D. FERNANDO
D. ALVARO VAZ D'ALMADA
RUY MENDES
UM PAGEM
UM ESCUDEIRO
D. LEONOR DE ARAGÃO
D. BRANCA DE CASTRO

Fidalgos, Damas da Côrte, Pagens e Escudeiros

(Epoca, 1436)

ACTO I

*A scena representa um salão estilo arabe. Terraço ao fundo.
Meza, cadeiras, escabelos, etc.*

SCENA I

Rainha, D. Branca de Castro, D. Duarte, D. Pedro,
D. Henrique e depois um Pagem

(D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique conversam ao fundo)

D. LEONOR

Contai-me Dona Branca, o vosso lindo sonho.
Eu sei toda a verdade...

D. BRANCA *(baixando a cabeça)*

E disse-me envergonho.

D. LEONOR

Mas não tendes de quê!...

D. BRANCA

Pensando a sós comigo,
 Quantas vezes, Senhora, eu choro e me maldigo
 Por não ter tido em mim a força necessaria
 P'ra recalcar no peito a chama visionaria
 Deste amor. Quem sou eu? Ninguém. Ele? Um Infante.

D. LEONOR

Mas o Amor não distingue; empolga a seu talante.
 E' força que nos prende e arrasta brandamente,
 E' febre que alucina, é filtro, é beijo quente
 Que ou nos enche de fé e nossas dôr's acalma
 Ou num golpe mortal nos tira Vida e Alma.

(Pequena pausa)

Não reconhece o Amor, nem lei, nem jerarquia.
 Amai pois Dom Fernando á luz do claro dia
 E o vosso amor dizei, gritai por toda a parte.

(Toma as mãos a D. Branca)

D. BRANCA *(Agradecida e confusa)*

Sois bondosa...

(D. Leonor e D. Branca ficam-se conversando baixo e descem D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique)

D. HENRIQUE *(com convicção)*

A vitoria é certa, Dom Duarte.

D. DUARTE

Não Dom Henrique, não. Pois não haveis notado
 Nas côrtes de Leiria, o quão mal agoirado
 P'los nobres e p'lo povo há sido tal empresa?

D. HENRIQUE (*com leve ironia*)

Nessas côrtes estava...

D. PEDRO (*atalhando, com intenção*)

A raça portugueza.

D. HENRIQUE

Mas...

D. DUARTE

De par'cer igual ao daquella assembleia
E' Pedro, nosso irmão.

D. HENRIQUE (*com convicção e crescente entusiasmo*)

Mas não se abastardeia
O sangue luzitano e temos ainda o braço
Que Ceuta conquistou. O mesmo, o mesmo é o aço
Da nossa rija espada e o rancor p'la moirama
A' nossa fôrça empresta a mais activa chama!
Não podêmos deixar que furba tão vilã
Pise a terra que deve e tem de ser cristã
E o que assim não pensar, a Deus, por sua vez
Desserve, desservindo o nome portuguez.

D. PEDRO (*com censura*)

A' lá fé! Dom Henrique! O vosso entusiasmo
Espanta, porque toma os foros dum sarcasmo.
Portuguezes de lei nós somos e cristãos...

D. HENRIQUE

P'ra que haveis pois de ter receios loucos, vãos,
De levar por deante esta luzida empreza?

D. DUARTE

Dom Henrique, é mister...

D. BRANCA (*a D. Leonor*)

São nuvens de grandeza
Que se desfazem breve.

D. LEONOR (*a D. Branca*)

Errada profecia.

D. PEDRO

Mas reflecti...

D. HENRIQUE

Julgais acaso tirania
Um povo ir guerrear sem nada nos ter feito?
Vêde que em Dom João achais igual defeito
Porquanto foi a Ceuta a guerrear também,
Gente que embora, má, não nos fez mal, nem bem.

D. DUARTE

Mas...

D. HENRIQUE (*intencional*)

Esse, era meu pae — Que Deus o glorifique!

(*A D. Pedro*)

E vosso o foi também.

D. PEDRO

E' certo, Dom Henrique,
Mas deveis recordar que uns bons vinte e dois anos
Já decorridos vão por sobre os luzitanos
Que se foram a Ceuta, em hostes aguerridas...

D. DUARTE

... E desstes a mór parte ou sente já perðidas
As forças p'ra suster o élmó, o pique e a adarga,
Ou a morte roubou de todo á paz amarga,
Que a soidade lhe impoz...

D. PEDRO

Os novos na peleja,
São de nenhum saber...

D. DUARTE

... E se não vos sobeja
O cento de razões que o siso vos aponta,
Outro motivo existe e não de pouca monta...

D. HENRIQUE

Quereis dizer, Senhor ?

D. DUARTE

A pobreza do erário.

D. HENRIQUE

Mas atentai irmão, que já de modo vário
Pensastes sendo Rei, e o Védor da Fazenda,
Pedro Gonçalves, foi a Castela em of'renda
Do vosso régio braço e que, por galarção,
O bem servir a Deus vos bastaria, Irmão.
E se não se escusára El-Rei a tal empresa,
Irieis a Granada, olvidando a despesa
E o muito esforço vosso. A isso o que tornais,
Rei meu e meu Irmão ?

D. DUARTE

Que a lição, por demais
Severa e porfiosa, o destempero roça;
Porém, vinda de vós... recebo-a como vossa.

D. HENRIQUE

Nada farei, prevejo, e, entanto, é necessario...

D. LEONOR (*a D. Henrique*)

Ao vosso empreendimento alguém é mais contrario.

D. HENRIQUE

Quem mais, Senhora minha, o toma como louco ?

D. LEONOR

Dona Branca de Castro, assim m'o disse há pouco.

D. HENRIQUE

Vós sois, oh ! Dona Branca, um anjo de bondade !
A mais virtuosa flôr da flôr da cristandade
E p'ra os anjos a guerra é esfomeado abutre
Que de carne de herois com avidez se nutre.
Mas p'ra mim, a quem Deus, em seu alto poder,
Quiz dar sentir diverso e bem diverso ser,
Entendo que esta guerra é sublimada préce
Que o imperio de Deus aumenta e robustece.

(*Cavalheiresco*)

Sereis vós, desta empreza, o anjo tutelar...

PAGEM (*entrando, a D. Duarte*)

A' Côte, meu Senhor, acaba de chegar
De Bolonha, o mui nobre e alto Conde d'Ourem
Com soléne missão.

D. DUARTE

Em bôa hora vem.

Ahi temos resposta ao conselho pedido

A Sua Santidade. *(ao pagem)* Irei presto. *(Pagem sai)*

D. PEDRO

Duvido

Que o Pápa Eugenio Quarto aprove um tal projecto.

D. HENRIQUE

Porquê, não me dizeis ?

D. PEDRO

Quem houve por decreto

Na terra percorrer o trilho que a Deus leva,

Que abendiçôa a luz e tem horror á treva,

Só deve censurar os que, sem razão fortê,

Arrastam o Paiz á fome, á guerra, á morte.

D. DUARTE

E' o que vamos saber. Dom Pedro e Dom Henrique,

Podeis-me acompanhar...

D. PEDRO

Deixai, Senhor, que eu fique.

D. DUARTE

Como vos aprouver ; *(a D. Leonor)* e vós, Senhora minha ?

D. LEONOR

Fico, se permitis ?

D. DUARTE *(gentil)*

Senhora, sois Rainha. *(vai saindo)*

D. HENRIQUE (*baixo a D. Leonor*)

Por tal conquista dou...

D. LEONOR

Dais?...

D. HENRIQUE

Juro-vos, por Deus!

As terras de Fernando e senhorios meus.

D. LEONOR

Tende confiança em mim.

(*D. Henrique beija-lhe a mão e segue D. Duarte que sai com os fidalgos, D. Leonor e D. Branca*)

Dona Branca, lá fóra

Há rosas a colher purpureas como a aurora
E alguém que vos espera. Ide... Podeis ir... Sou
Vossa amiga. Córais?

D. BRANCA (*enleada*)

Senhora minha... Eu vou. (*sai*)

SCENA II

D. Leonor e D. Pedro, *depois* um Pagem e Almada

D. LEONOR

Dom Pedro, em que pensais ?

D. PEDRO

Em vós, Senhora ; em mim ..
Na cegueira d'El-Rei ; em Dom Henrique, enfim !
Que vastas ambições !

D. LEONOR

Julgais que em tal conquista,
Só impera o capricho ou cubiçosa vista ?

D. PEDRO

O dinheiro escasseia e ao povo, bom vassalo,
Não pôde El-Rei, não deve, em modo algum tomál-o.

(Pausa)

Eu sei que deste reino á gente é tão pesada
E de tal modo agoura a Tanger a jornada,
Que prefere pagar as multas rigorosas
A erguer a espada e a cruz. E fôsem avultosas
As quantias por êste ou de outro modo havidas.
Bastavam p'ra suprir doenças, gastos, vidas ?

(Pausa)

Suponde Deus por nós ; que fazer da cidade ?
Abandonál-a ? Não ; e homens, em quantidade,
P'ra Tanger guarnecer ?

D. LEONOR

D. Pedro, dizei antes,
Que a vossa má vontade assim, dissemelhantes,
As cousas vos depara; (*energica*) emtanto, esta jornada,
Tão bem vista por mim, por vós tão mal olhada,
E' mister que se faça e eu tudo tentarei
P'ra que néla consinta e a determine El-Rei.

(*Com intenção*)

Não são as ambições que ditam o meu póрте,
Mas o gôsto de vêr robustecido e forte
Este Reino a que voto enternecido amor
E o bom nome d'El-Rei, meu Amo e meu Senhor.

(*Ironica*)

Assim tivesseis vós ou desseis a entendêl-o,
P'ra os negocios d'El-Rei um pouco mais de zêlo.

D. PEDRO (*irado*)

Senhora !...

PAGEM (*do fundo*)

Meu Senhor...

D. PEDRO

Por Deus, o que pretendes ?

PAGEM

A graça de escutál-o, implora-vos Ruy Mendes.

D. PEDRO

Ruy Mendes ? E a que vem ?

PAGEM

Mandado pelo povo.

D. PEDRO

A trazer-me, com mágoa, algum protesto novo.

D. LEONOR (*mordaz*)

O trato com plebêus, infantes não desdoura ;
Decerto o recebeis ? ...

D. PEDRO (*decisivo*)

Perante vós, Senhora.

D. LEONOR

Perante mim ? ! Oh ! não. Acordaria o espanto
Ver junto ao trôno a lama a salpicar-me o manto !
Falai-lhe Vós que sois do povo tão amigo,
Mas recusais apôio e descobris um p'riço
Na empreza que viria a mais engrandecê-lo.
Porém nesse projecto eu ponho todo o zêlo
E por diante irá — embora o julgueis mal.

(*Com um sorriso*)

Lembraí-vos que ainda sou : Rainha em Portugal !

D. PEDRO

Senhora, que é de mais ! O sêrdes soberana,
Decerto não dá jús a virões, desumana,
Lançar-me ao rosto o insulto e ao povo sem defeza !
Tendes estado aqui, com toda a subtiliza,
A pedir meu louvor, em galas de oratoria,
Para o que julgo ser uma tarefa ingloria !

Tendes estado aqui, dizeis, tão só tratando
Do muito que aproveita a quem possui o mando
D'este reino de herois. Eu sei que o diadema
Cingís da realeza e, por dita suprema,
De Dom Duarte haveis logar ao lado seu ;
Mas que êle é meu irmão também vos esqueceu,
E que o fraterno amor, que as nossas almas liga,
Me obriga a respeitá-lo e a ser leal me obriga.

(Aparece D. Alvaro Vaz d'Almada)

Sou nobre e, porque o sou, não devo ir atender
A quem o povo manda, e emtanto o meu dever
Seria ir ao portal e conduzir-o aqui,
Afim de lhe provar que nunca me esqueci
Que se meu pai foi rei e rei é vosso esposo,
Se deve a quem tratais de modo pouco airoso !

(Ao pagem)

Pagem ; ide buscar Ruy Mendes ; — andai prestes.

(Pagem curva-se e sai. A' Rainha, com intenção)

Apraz-me vêr a lama a salpicar-me as vestes.

SCENA III

D. Leonor, D. Pedro e D. Alvaro Vaz d'Almada

ALMADA *(com entusiasmo)*

Eia ! Proteja Deus a valorosa grei
Que assim confia em vós, — primeiro irmão d'El-Rei !

D. LEONOR *(altiva, a Almada)*

Rainha, eu ainda sou : Senhor, é bom lembrá-lo.

ALMADA

Perdoai-me Senhora, eu sou fiel vassalo.
 E se acaso olvidei que Vós sois a Rainha,
 Tivestes Vós a culpa... a culpa não foi minha.
 Se o povo julgaes mal, Senhora, sois injusta
 E a injustiça fére, a injustiça custa!
 Não vos merece o povo um tratamento assim...
 Rainha, perdoai...

D. LEONOR (*rancorosa*)

Lembrar-vos-heis de mim.

(*Sai. Alvaro Vaz d'Almada conserva-se activo*).

SCENA IV

D. Pedro e D. Alvaro Vaz d'Almada

D. PEDRO

Vindes de Santarem?

ALMADA

E vejo que cheguei

Numa hora interessante a palacio d'El-Rei!
 Mas quem não soe curvar-se ao peso da cimeira,
 A fronte deve erguer altiva, sobranceira,
 A quem tem pouco de — *Alma* e de rainha: — *Nada!*

D. PEDRO

Encontro ainda em vós, o mesmo Vaz d'Almada!

(*Abraçam-se*)

SCENA V

Os mesmos — Pagem e Ruy Mendes

PAGEM (*entra*)

Ruy Mendes, meu senhor.

D. PEDRO

Que entre. (*a Almada*) Ficai, talvez
Haja de recorrer á vossa intrepidez.

(*A Ruy Mendes*)

Que vos traz ?

RUY MENDES

Meu Senhor ; o povo aqui me manda
Para saber de Vós se já se poz de banda
A tão faláda empreza a Tanger ?

D. PEDRO

Só El-Rei

Vos pôde responder.

RUY MENDES

Sobejamente o sei ;
Mas o povo temeu que El-Rei, a quem adora,
Não quizesse atender-me e me mandasse embora
E como é sabedor do muito que o estimais...

D. PEDRO

Eh ! Ruy Mendes ! — Pesai o que dizeis ! Jámais

El-Rei mal atendeu o povo. Mas, ouvi-de :
Se a empreza fôr ávante, o povo o que decide ?

RUY MENDES

Não sei o que fará. O mêdo á guerra vence-o .

ALMADA (*com surpresa*)

Em mêdo aqui falais ?

RUY MENDES

Em mêdo, sim.

D. PEDRO

Silencio.

ALMADA (*como acima*)

De que raça sois Vós, que não sabeis do povo
As nobres tradições? Mêdo!... Hein?... E' caso novo
Esquecer-vos assim que as nossas toledanas
Venceram desde Ourique a terras africanas!
Viestes por engano e nem mais um instante
Dom Pedro vos atende. Ide.

RUY MENDES

Dissemelhante

Se encontra hoje o paiz, p'la peste e sacrificios,
Impostos p'ra manter, da côrte, os desperdícios.

D. PEDRO

Cuidado

RUY MENDES (*arrepellido*)

Meu Senhor...